

QUANDO O NADA SE TORNA ALGO: As vontades de amar nas dores do mundo de Arthur Schopenhauer¹

Beatriz Calado Bortoletto²

Resumo: O presente trabalho procura compreender o pensamento de Arthur Schopenhauer sobre as vontades de amar nas dores do mundo. Abordamos os conceitos de mundo como vontade e mundo como representação, mas enfatizamos as questões do amor e como amar sobre uma perspectiva moderna, para dizer que há formas de amar nos dias atuais e que o amor vem de várias partes e pode transpassar a dor, mas ainda sim passar por ela. Trataremos o que a vida significa para nós e o que simboliza essa mudança do Nada para Algo.

Palavras-chave: Vontade. Nada. Algo.

1. INTRODUÇÃO

74

O amor seria uma das coisas mais importantes que aprendemos durante a vida, em qualquer circunstância ele nos torna mais humanos. Quem ama preza pelo amanhã. Entretanto, nós vivemos esperando algo das pessoas, seja ela família, amiga ou amante. Criamos expectativas sobre elas e nos iludimos crendo que essas expectativas se tornaram reais. Por muitas vezes a dor sobressai o amor em diversos aspectos, logo temos de ressaltar os momentos de dores para que possamos vivenciar momentos de amor e felicidade. “A felicidade pertence aos que bastam a si mesmos” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 37).

Assim, sabendo que a filosofia é a arte de pensar, o movimento questionador que impulsiona o pensamento do mundo por meio daquilo que nos causa espanto, a filosofia tomou o conceito de amor, enfatizou o quesito dor e dissertou sobre a morte em uma visão grandiosa com diversos pensadores.

Iremos observar o conceito de amor, de dor e de morte em um dos autores do existencialismo alemão, Arthur Schopenhauer. Também iremos ressaltar a importância das vontades de amar nas dores do mundo e compreender a forma

¹ Este trabalho é uma versão resumida de minha monografia, de mesmo título, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob a orientação do Prof. Dr. Pe. José Antônio Trasferetti.

² Graduada em Filosofia (Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Email para contato: beabortoletto@gmail.com.

do Nada, algo que evocamos do tédio, para se tornar algo que nós reconhecemos do próprio tédio.

Sempre se baseando em busca da felicidade o amor, para Arthur Schopenhauer, em primeira ideia, vem a ser algo do instinto de cada indivíduo, a partir das aparências e das benevolências que o outro possui, portanto, para o autor o amor não passa de simplesmente um instinto de procriação. Já sobre a morte, o alemão ressalta, a mesma é como uma noite eterna, comparado ao curto sonho da vida, é o pó que com faíscas elétricas se tornará bicho ou gente e essa essência criará vida. “O verdadeiro fim da vida é livrar-nos dela” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 53). Ao reconciliar a dor com o fato de quanta dor pode existir no amor exaltaremos que o amor pode sempre sobressair à dor e a morte.

Abordaremos a questão de como amar no mundo contemporâneo, onde as desgraças mundiais podem sobressair a real vontade de amar. Para explicarmos este conceito faremos as devidas referências à filosofia schopenhaueriana, da qual sintetiza que, a vida é como um pêndulo, ao passo que, almejamos por algo, assim que conquistado, estaremos destinados ao tédio e a partir daí invocaremos o Nada. Mas quando esse Nada se torna um Algo persistente da vontade humana?

2. O AMOR, A DOR E A MORTE

75

Arthur Schopenhauer (1788-1860) traz sua em sua obra *A vontade de amar* definições para o amor, que para ele, é como uma vontade carnal do homem regida pelo poder da vontade que esse sentimento nos traz. É preciso ressaltar que nessa obra ele irá descrever diversos tipos de amor, como o amor para os poetas, filósofos, a decepção e as manifestações etc.

É impossível duvidar da realidade do amor, muito menos de sua importância. Tendo isso em mente o amor vem em todas as formas, seja no amor materno, seja no amor *ágape*, na *philia* ou até mesmo no *Eros*.

No texto *Do amor: uma filosofia para o século XXI* de Luc Ferry³, o autor virá a revelar o sentido e a lógica para uma visão de mundo para que os homens entendam e se orientem o que é e o que o amor representa. Claude Capelier⁴, um dos argumentadores na obra, diz que a força do amor pode trazer um potencialmente valorizar as dimensões da experiência humana, pois todo homem tem a faculdade de ver em todas as coisas uma razão para amar, porém, Ferry vem em contraposto a isso dizendo que amor não é o mar de rosas que muitos autores falam. Amar também tem seu lado negativo. Muitos autores, como propriamente Ferry, mostram que o amor não existe sem o ódio, e o mesmo trata sobre o assunto.

³Luc Ferry (1951) é um filósofo francês, professor de filosofia e político engajado em favor da União para um movimento popular.

⁴Claude Capelier, filósofo comentador de textos de Luc Ferry.

Não há jeito de existir amor sem que haja total harmonia entre os dois seres, o amor não seria outra coisa senão o sentido da beleza, que dirige e domina o sentido do sexo. Mas seria tão difícil como explicar o caráter tão particular de cada indivíduo, é compreender o sentimento, também particular, da afeição de uma pessoa para a outra.

Cada indivíduo procura seu complemento, todos amam o que lhes falta. Quando o ser encontra no outro a imperfeição que o completa isto produz um ser mais perfeito que está exposto à criação.

Em um primeiro momento o amor encanta, de uma forma que você não percebe os defeitos dessa pessoa e faz com que você a ache perfeita. Mas depois o encantamento passa, e você começa a ver que a pessoa tem seus problemas e suas manias que lhe irritam. E amar é entender que a pessoa tem seus defeitos, mas você consegue conviver com eles sem que seja algo que você não suporta.

O amor para os poetas, como disse acima, vem em diversas formas onde cada qual tem sua interpretação. Como para Charles Bukowski⁵, a definição de amor é que o amor é um nevoa que queima com a primeira luz de realidade. Com um caráter ácido, assim como Schopenhauer, a literatura de Bukowski é altamente autobiográfica, e nela abundam temas e personagens marginais, como prostitutas, alcoolismos, ressacas, etc. Seu humor ácido traz uma realidade para que aceitemos a vida com os pés no chão trazendo o realismo para os sentimentos.

Diferente de autores como Carlos Drummond e Vinicius de Moraes, e até Olavo Bilac, que muitas vezes tratam o amor como pérolas de uma vida bem vivida, intercalando suas paixões e as retratando como poemas que são lidos por casais apaixonados. Para o existencialista alemão, o amor na opinião dos poetas é como os fantasmas de quem todos falam, mas que ninguém vê. A vida é o próprio sofrer. O nosso destino é sofrer, sofreremos por dores ou por algo que não conseguimos durante a vida. Quando se é velho entendemos melhor o sentido das dores e o que está por vir após ela.

A dor é necessária e positiva, assim que a sentimos podemos saber o momento em que éramos felizes, porém quando já estamos felizes ou de bem estar não o sentimos, portanto a dor é positiva e o bem estar negativo, pois não o sentimos. “A vida é uma história da dor, que se resume assim: sem motivos queremos sofrer e lutar sempre, morrer logo, e assim consecutivamente durante séculos dos séculos, até a Terra se desfça” (SCHOPENHAUER, 1965, p. 46).

O tempo aqui é um grande aliado de todo tipo de dor. O tempo em si é um grande aliado de tudo que há na vida, seja vivo ou morto. Ao debater sobre dor também debatemos sobre tempo, o tempo de recuperação de uma cirurgia ou o tempo de recuperação de uma perda.

⁵ Charles Bukowski (1920-1994) foi um poeta, contista e romancista estadunidense nascido na Alemanha. Sua obra, de caráter inicialmente obscuro e estilo totalmente coloquial fascinaram muitos.

Schopenhauer mostra diversas conotações para o termo dor e traz em sua obra um motivo para os disfarces da dor. O nosso método de fugir da dor não consegue outro resultado senão transformá-las, adquirindo assim mil faces para uma só dor, e se com novas maneiras conseguimos afastar a dor ela recupera sua antiga máscara e o ciclo recomeça.

É preciso ter em mente a necessidade da dor. Em certos momentos da vida é preciso que sentemos dor, preocupações. Se os homens vivessem em um mundo encantado, onde nada exigisse esforço e tudo estivesse ao alcance da mão, eles morreriam de tédio ou desperdiçar-se-iam entre si, causando assim maiores males do que a própria natureza. Como havia dito a dor é positiva, pois ela nos faz perceber o quanto devemos lutar por algo.

O filósofo encontra um contraposto à dor; a felicidade. Sentimos o desejo e a satisfação como sentimos fome, mas assim que saciadas se acabam. Quando percebemos que perdemos algo é que nos damos conta da falta que aquilo nos faz, somente nos dias de tristeza é que nos lembramos da felicidade que tivemos um dia. Ou seja, como havíamos dito, a dor é positiva, já a felicidade e o bem-estar são negativo, pois não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto. A dor nos faz sentir. Em suas palavras o alemão demonstra:

Do mesmo modo que o rio corre manso e sereno, enquanto não encontra obstáculos que se opunham à sua marcha, assim corre a vida do homem quando nada se lhe opõe à vontade. Vivemos inconscientes e desatentos: nossa atenção desperta no mesmo instante em que nossa vontade encontra um obstáculo e choca-se contra ele (SCHOPENHAUER, 1965, p. 52).

77

Na velhice é onde entendemos os motivos das dores e as sentimos, entendemos os momentos em que fomos verdadeiramente felizes durante toda nossa vida, é na velhice que entendemos as razões para como as coisas são e porque são, entendemos que a morte deve ser tida como uma velha amiga que estava esperando para nos receber, entender que o amor de nossas vidas pode ser na amizade e, que nós não escolhemos amar, nós nascemos amando. Encontramos a real felicidade na velhice onde entendemos nossa própria trajetória onde sabemos por fim aonde chegar.

A vida seria algo tão fantástico para aquele que sabe ver através de todo mal que existe no mundo. Saber que a vida tem um fim nos deveria proporcionar momentos memoráveis, onde vivemos intensamente cada minuto do dia. É um tanto minúsculo, mas que poderia mudar o destino e até a visão de cada ser que está lendo isso agora.

A morte, para muitos é como o fim da vida, onde nada mais somos que meros entes vagando em um mundo entre caos e harmonia. A morte é um teatro e esperamos a abertura das cortinas para vê-la. Arthur Schopenhauer irá tratar da morte sem delicadeza e nos dando a certeza de que nada sabemos. Ela não é aquilo que chamamos de o oposto da vida, mas sim aquilo que completa a vida. O homem é um ser para a morte.

Em *A metafísica da morte*, Schopenhauer entrelaça o ser humano com a natureza, tentando provar que em cada ser reside um núcleo de eternidade. A morte de um ser é indiferente à natureza a partir do ponto em que tudo volta para ela, do pó viemos ao pó voltaremos.

O valor objetivo da vida é incerto. A morte, em sua visão, é temida pelo homem perante sua Vontade de Viver. Logo quando há Vontade, que está inteira na existência do Eu e dos Não-Eu, a existência tem de valer como supremo bem, pois, por ser irracional, não possui parâmetros avaliativos. O autor tem uma relação distinta com a morte, quando nos tratamos da mesma nos tratamos com dúvidas, já Arthur trata a morte como um sono, o sono é irmão da morte e o desmaio é gêmeo. O sono e a morte, perigo algum constituem para a existência, pois desde que a consciência desaparece são similares a partir do momento em que você fecha os olhos e entra em estado uníssono.

A individualidade do homem traz consigo a necessidade da morte, já que tem tão pouco valor que não se perde nada com a morte. Se fosse concebida ao homem uma vida eterna, logo ele estaria farto de toda sua eloquência, e assim o verdadeiro fim da vida seria nos livrarmos dela. Se seus afazeres fossem eternos o homem logo cairia no tédio e pediria incansavelmente pela morte, o homem não se sentiria feliz. A morte vem a ser um pressuposto para a felicidade, logo que graças a ela nós não estaríamos sendo refém da vida eterna. “A morte realiza a principal condição; de ser o que é; tendo isto em conta, se concebe a necessidade da moral” (SCHOPENHAUER, 1965, p. 44).

Nada é mais insano do que não aproveitar da própria dor para se livrar da mesma. Estudos mostram que quando nos livramos de algo que guardamos há muito tempo estamos sujeitos a melhorias na vida. Mas isso, por hora, não vem ao caso. Por fim, deixo uma parte de um poema de Bilac, onde retrata o pensar na dor como vislumbre para o agora:

Às vezes, uma dor me desespera/ Nestas ânsias e dúvidas que ando,/ Cismo e
padeço, neste outono, quando/ Cálculo o que perdi na primavera
(BILAC, 2015, p. 83).

3. AS VONTADES DE AMAR NAS DORES DO MUNDO

Em sua obra *O mundo como vontade e representação* Schopenhauer empenha-se a descrever sua visão de mundo, onde a vontade é o grande movimentador dos desejos da vida. O mundo muitas vezes pode ser apenas representação: sujeito e objeto, mas para o pensador além dessas representações deveria existir algo maior, algo que não pode ser apreendido pelo espaço, tempo ou causalidade.

Consequentemente, a ideia de Schopenhauer diz respeito que para conseguir acesso à coisa em si é preciso usar as ferramentas corretas. Partindo desse pressuposto o mundo como vontade emerge diante do sujeito, que é então nomeado com Vontade. Para o filósofo, o mundo como Vontade é velado pelo

fenômeno, pelas aparências do mundo como representação. A Vontade então passa a ser uma essência íntima, ou seja, aquilo que não é visível fisicamente, pois se encontra encoberta por sua representação. Essa Vontade corresponde à essência daquilo que é a coisa em si:

O conceito de VONTADE, ao contrário, é o único dentre todos os conceitos possíveis que NÃO tem sua origem na aparência, NÃO a tem na mera representação intuitiva, mas antes provém da interioridade da consciência imediata do próprio indivíduo, na qual este se conhece de maneira direta, conforme sua essência isenta de todas as formas, mesmo as do sujeito e objeto, visto que aqui quem conhece coincide com o que é conhecido (SCHOPENHAUER, 2013, p. 131).

Contudo, Vontade está em conjunto com o espaço e tempo, isto é, de acordo com o filósofo, enquanto tempo e espaço são princípios de individuação (processo de tornar algo singular, multiplicar os fenômenos), ela se encontra e se expressa na Vontade. É a partir do princípio de individuação que a Vontade se materializa e se revela como representação, logo a Vontade passa a ser reconhecida também como objetividade da Vontade.

A Vontade permanece como coisa em si, enquanto sua essência pura se materializa em um objeto, por exemplo, um violão. Ou seja, a Vontade em toda sua grandeza indivisível se multiplica ao tornar-se representação, fazendo-a assim presente, mas agora como objetivação daquilo que ela é.

Embora a Vontade seja tratada como princípio de individuação, Schopenhauer ressalta que, além desse conceito, há o conceito de que, apesar dos inúmeros aspectos que se encontram no mundo como representação, Vontade é livre de toda pluralidade. “A Vontade é o mais íntimo, o núcleo de cada particular, bem como do todo: aparece em cada força da natureza que faz efeito cegamente” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 129).

Diante da grande obra de Arthur Schopenhauer é que podemos partir para a explicação do que é vontade. *O mundo como vontade e representação* é a obra que fez Schopenhauer ascender ao olhar filosófico da época. “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 3).

Para entendermos melhor, o autor divide o mundo como representação em duas metades essenciais: sujeito e objeto. O primeiro é definido como aquilo que não se é presente nas formas a priori, “pois está inteiro e indiviso em cada ser que representa” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 6). A razão disso é que, assim como Kant, Schopenhauer compreende que o sujeito é capaz de reconhecer as coisas por tempo e espaço, compreender aquilo que se apresenta.

Entretanto, o objeto é composto por espaço e tempo, as representações, tais como na concepção de Kant, são de estética transcendental. Diferente do sujeito, os objetos não possuem a capacidade de apreender as coisas, mas apenas a possibilidade de serem apreendidas pelo sujeito. Ou seja, em meio a todos esses seres, é o sujeito que contém a consciência para sustentar as representações, sem

ele o mundo dos objetos (representações) não existiria, sendo assim o objeto só existe em relação ao sujeito.

O filósofo ressalta que a Vontade é como um castelo, uma fortaleza, que deveria ser adentrada, porém não de maneira simples, mas adentrando de maneira subterrânea, submergindo o seu interior. Dentre tantas vontades submersas dentro de nós a vontade de amar e ser amado são uma das com que almejamos a vida toda.

A partir dessa visão podemos averiguar as formas de amor que cada ser se submete a receber. A partir dos anos a forma de amar vem sendo reinventada de vários trejeitos, por exemplo, a partir de estudos vemos que antigamente o casamento era apenas um propósito para vincular reinos e riquezas, os pais casavam suas filhas por interesses maiores do que propriamente o amor.

Schopenhauer já afirma com seu pessimismo, que não existe felicidade no mundo, e tudo que podia levar o homem a uma visão otimista não tem representação real. Assim ele confirma:

Sentimos a dor, mas não a ausência da dor; sentimos a inquietação, mas não sua ausência; o temor, mas não a tranquilidade. Enquanto possuímos os três maiores bens da vida, saúde, mocidade e liberdade, não temos consciência deles, e só com a perda desses bens é que os apreciamos, porque são bens negativos (SCHOPENHAUER, 2013, p. 7).

Tornando ao ponto de o que representa a Vontade, partindo do conceito de que a Vontade é a essência da coisa em si, a vontade de amar vem da sensibilidade de todo ser humano em se despir de si próprio e aceitar que um momento onde o desejo de amar será visceral e que será possível viver na Vontade. Lembrando-nos sempre que a Vontade não é algo que permanece, ela sempre se renova, assim como o desejo por algo novo.

A Vontade, mesmo enquanto essência do homem exibe-se de maneira livre, irracional, cega e desordenada. Por assim dizer, o homem é um ser para a dor e sofrimento. Entretanto, para o pensador, esses sentimentos podem ser anulados pela ação libertadora, em seus diversos segmentos.

Há de ser preocupante pensar em uma forma de amar diante toda a catástrofe que assombra o mundo. Para tratar de amor temos que tratar da dor, resalto que somos seres para sofrer, e diante disso tem de se ter em mente que a vida há de ser complicada. Você deixa de amar quando existe dor? A resposta, segundo a filosofia schopenhauriana, é que o sofrimento nunca nos abandona, sendo assim, ao mesmo tempo, que estamos amando, estamos sofrendo.

O mundo em que vivemos vem ficando cada vez mais doentio. Com o discurso de ódio crescendo cada dia mais a verdadeira aparência da sociedade vem se transparecendo e ficando mais assustadora para a geração que virá. Ainda por cima de toda barbaridade que nos é mostrada haverá sempre aquele que dirá que o mundo ficará melhor. Existe alguém que virá até nós e nos falará que a vida será bonita, alguém que tem esperança que o mundo possa voltar a ser um lugar

pacífico, isso se algum dia já foi. Não deixemos enganar por essas pessoas, pois estão fantasiando um mundo que não existe.

Schopenhauer cita Peter Bürger:

Ó vós, sábios, cuja ciência é elevada e profunda, que meditastes e que sabeis onde, quando e como, tudo se une na natureza, para que são todos esses amores, esses beijos; vós, sublimes sábios, dizei-mo! Torturai o vosso espírito sutil e dizei-me onde, quando e como, me sucedeu amar, por que me foi dado amar?⁶ (SCHOPENHAUER, 2014, p. 15).

Por fim, ao analisarmos as vontades de amar nas dores do mundo mantemos em mente que para amar você precisará, acima de tudo, força. Força para atravessar cada desavença da sociedade, a apatia das pessoas e a ignorância da raça humana.

4. DO NADA PARA ALGO

A vida humana oscila como um pêndulo. Seguimos vivendo em busca daquilo que não temos e seguimos acreditando que estaríamos completos quando conseguirmos. Entretanto, quando conseguimos o que acontece é o tédio, pois, a partir de agora, já estamos satisfeitos e tudo o que nos sobra é o tédio.

Iremos compreender a forma do Nada, algo que evocamos do tédio, para se tornar algo que nós reconhecemos do próprio tédio. Uma forma de desvendarmos o que a vontade de algo simboliza para cada ser e assim estudarmos um método do qual nos ajudará na pesquisa do Nada se tornar algo.

Vivemos sempre em busca de algo que possa nos complementar, que possa dar sentido às coisas que fazemos. Por exemplo, depois de um ano tumultuado, cheio de trabalhos e provas buscamos ansiosamente pelas férias, porém quando estamos de férias sentimos o gosto do tédio e logo queremos voltar às atividades anteriores, sendo assim vivemos em um *looping* eterno das coisas: desejo, realização, tédio, desejo.

Seguindo esse raciocínio notamos que o tédio pode vir de diversas maneiras e em diferentes sujeitos, mas uma coisa é clara, o tédio ora se acaba ora se revela. Uma grande movimentação é gerada dentro da ideia de tédio. Quando, nos abstendo de nossas vontades, não temos desejo nenhum, porém quando unimos a vontade aos nossos desejos encontramos aquilo pelo que lutamos, temos assim o motivo para buscarmos o que precisamos.

Entretanto, como havíamos dito acima, assim que o sujeito encontra aquilo que deseja ele estará destinado ao tédio, trazendo novamente o sentimento de satisfação e vazio ao mesmo tempo. O vazio seria o Nada. Encontramos o Nada

⁶ Peter Bürger (1936-2017), tornou-se um dos mais legítimos herdeiros dos pensadores da Escola de Frankfurt. Em diálogo permanente com Lukács, Adorno, Benjamin, Habermas, Gadamer e Brecht, ele lançou as bases para a constituição de uma hermenêutica crítica.

dentro do tédio. Após realizarmos as nossas vontades, assim que satisfeito ocorre o Nada, o Nada é o sentimento depois da realização da vontade/desejo.

Situando-nos da ideia do Nada, ele é, pois, um não-lugar. O Nada é tido como um signo, uma representação linguística do que se pensa ser a ausência de tudo. Para Nietzsche (1844-1900), autor da filosofia do Niilismo e crítico de Schopenhauer, o homem prefere querer o Nada a nada querer. Para ele a vida fora do querer é inexistente, é possível querer o Nada, mas é impossível deixar de querer. Porém, na filosofia nietzschiana, a falta de sentimento no mundo é curada a partir do ascetismo. O ascetismo virá dizer ao sofredor que o sofrimento é sua vitória, que a morte da vitalidade é o destino desejável.

A ideia de Nada que iremos tratar aqui é a ideia da ausência de tudo, do sentido, e principalmente da vontade ou desejo. Boa parte de nossas vidas vivemos em constante tédio, desta forma, vivemos ociosos por algo além do esperado por nós, os desejos que cercam o ser humano são postos aqui em evidência para nos mostrar como o tédio pode eclodir o Nada.

Quando já chegamos onde queríamos chegar e estagnamos sem poder desejar outra coisa em um breve período de tempo. É deste tédio que devemos nos atentar, é a partir daí que temos o sentido de evocação do Nada no tédio. É diante da finalidade do desejo que podemos sentir o Nada.

O Nada é, portanto, o ponto neutro do tédio, é quando não sentimos vontade das coisas, é quando paramos, mesmo que por um segundo, e vemos o que está fora da nossa bolha. E é no meio desse tédio, que habita o Nada, é que temos a compreensão dos nossos desejo e vontades.

Cada ser tem sua própria individualidade, na qual se ajusta a maneira em que você vive e desfruta dos seus desejos. Alguém com vontade de amar espera que outro alguém possa a ele se juntar e viver algo que só eles serão capazes de vivenciar, na mesma frequência enquanto estiverem na mesma vontade. Esses procuram, acima de tudo, reafirmar a todos o desejo que eles têm de ficarem juntos, contudo, ao passar do tempo, a vontade de um pode não ser mais a vontade do outro.

O desejo de coisas que cercam a raça humana está ligado diretamente ao tédio e essa evocação do Nada. Basta sabermos qual o princípio que prescinde esses desejos e quando, após o tédio, vamos invocar outras vontades. Essas vontades podendo ser semelhantes às anteriores ou serem diferentes.

Tratando sobre as variações da vontade no ser e resgatando o ideal que, após a satisfação desses desejos nós retornemos ao tédio, a evocação do Nada é simultânea e automática. Assim que as vontades são supridas e os desejos (por hora) inexistentes, a sensação de tédio e vazio vem à tona abrindo espaço ao Nada, ao sentimento de prepotência. Aqui a vontade já não está em seu estado presente no ser, agora ela abre caminho para outra vontade, uma talvez mais forte, ou talvez mais fraca, mas agora o destino dessa será outro. Mas o fim desse desejo pessoal será o tédio. É de fato um pensamento cíclico, onde há sempre vontade, o tédio e o nada.

Esses conceitos se embaraçam de maneira diferente em cada ser, em momentos diferentes, em ocasiões diferentes. Eles são inevitáveis e nós sempre cairemos sobre eles quando formos tratar dos nossos próprios desejos mais objetivos ou subjetivos.

Quando queremos que o Nada transpasse para Algo permanente devemos deixar claro que tudo se refere à importância que o indivíduo dá a esse Algo. Quando idealizamos o que queremos em nossa vida a realização do mesmo pode vir em longo prazo, ademais, quando realizado nós podemos desejar que esse Algo, esse sentimento, permaneça ao nosso favor sem que ele caia sobre o tédio e se torne Nada. O modo que encontramos para passar do Nada para Algo é a partir da importância da vontade em nossas vidas.

Diante de todos os desastres que carregamos conosco é sempre visível que nunca deixamos de desejar coisas, pessoas e sentimentos, sempre temos essa necessidade de desejar, de tornar algo real e essencial para nossas vidas. Sendo assim, as coisas que vivenciamos tem uma importância única em nossas vidas, ela nos resgata dos males que ocorrem internamente. Desta forma, podemos seguir nossas vontades sem nos atentar à volta do Nada em nosso interior. Isso significa que, em meio às nossas necessidades, elas são necessárias para que possamos seguir em frente com nossos desejos e assim seguir com nossas vidas, pois a vida é feita de desejos e vontades, sejam elas mínimas ou máximas.

O sentimento do Nada que Arthur Schopenhauer averigua tem muito a ver com o jeito que ele levava a vida. Dono de uma filosofia pessimista, o contexto de tratar a vida como um pêndulo e, dizer que a vida é sofrer vem por conta de sua visão de mundo e expectativas frustradas.

A ideia que temos sobre vida muda ao decorrer do tempo e nossos objetivos mudam junto ao tempo. É importante pensar que a vida pode não ser aquilo que esperamos que ela seja e que nem tudo que sonhamos se torna real. Estamos em total integração com o outro e, por conta disso, devemos pensar não só em nós mesmos, mas também no outro. A teorização dos valores de empatia se encaixa na transferência do Nada para o Algo ao longo que nossas vontades podem se identificar ou depender da vontade do outro.

O conceito de Nada para Algo nega a indiferença de um para o outro, já que ambos estão correlacionados entre si, eles pertencem juntos, pois eles necessitam um do outro. Não podemos dividi-los, pois para que possamos chegar a Algo permanente é preciso que passemos pelo tédio e sintamos o ócio da existência, para assim compreender as necessidades das realizações humanas e inter-humanas.

A existência de um ser se baseia em suas vontades e determinações, portanto, as conclusões de suas ações e as continuidades da mesma são de extrema importância para o desenvolvimento das relações de si para consigo e de si com o outro. Desta forma, a compreensão de vivência e as experiências compartilhadas geram uma respectiva desenvoltura do estado do Nada para o Algo.

Ao tempo que é necessário o entendimento da coisa como ela é. É preciso que vivenciemos o estado de tédio, para que possamos identificar quando estamos sentindo desejo de algo.

Neste viés, chegamos a um consenso, para chegarmos a Algo permanente através do Nada é preciso que sintamos uma vontade incessante de algo para assim o tornar imutável e, mesmo que passe pela estação do tédio ele não assente e apenas passe simultaneamente, mas não estagne nesta estação. A passagem para Algo é automática e muitas vezes não percebemos que chegamos a tal ponto, porém estamos sempre em constante mudança e, a partir de certas mudanças, criamos hábitos e esses são o que tornam o Nada em Algo, uma coisa que permanece e nos faz vivenciar nossas experiências de forma única.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos capítulos aqui existentes tratamos de diversas teorias do autor, diante sua grande visão pessimista do mundo, sua vontade inalcançada de demonstrar que o amor é algo banal e que deve ser tratado de forma hostil e depreciativa, há sempre um caminho contrário a se seguir e sempre há uma ideia que possa ir a contraposto a original. É claro que, diante de muitos estudos possamos concordar com algumas ideias do autor, mas é sempre bom colocar em prática o exercício de pensar e questionar outras maneiras para tal.

A ideia deste trabalho foi tratar as questões da vontade de amar nas dores do mundo e diante todo um estudo foi possível concluir que, há visões possíveis para a demonstração e as vontades de amar na contemporaneidade.

Arthur Schopenhauer, apesar de suas ideias primitivas, demonstra uma visão real da sociedade, digo, ao fato dele tratar a vida como eterno sofrimento ele exalta a possibilidade de felicidade e diz que ela só é possível se soubermos o que é sofrer.

Perante todo um pensamento foi chegado a uma conclusão que, ao passo que denominamos os conceitos de amor, dor e morte, assentamos as vontades de amar nas dores do mundo e exibimos um novo método de pensamento ao transpassar o Nada para Algo, creio que foi digna à desenvoltura que tivemos ao conectar o sentido de amar com a contemporaneidade, mesmo ela sendo algo tão individual e problemática, visto que vivemos em uma sociedade cada vez mais egoísta e mecânica.

O que busquei junto a este trabalho foi evidenciar as possibilidades para aqueles que acreditam que amar é um ato revolucionário e que é possível amar mesmo os seres que mais merecem o nosso desprezo. É inimaginável o quanto as pessoas procuram por algo que sempre esteve na frente deles, mas muitas vezes no amor é preciso olhar com os olhos do outro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação após Auschwitz**. In: Educação e Emancipação. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2003

BILAC, O. **Antologia Poética**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

EGBERT, N. **Speaking the Language of Relational Maintenance: A Validity Test of Chapman's (1992) Five Love Languages**. Kent State University (Ohio), Vol. 23, p. 19-26, 2006.

SCHOPENHAUER, A. **Aforismos para a sabedoria de vida**. São Paulo: Levoir, 2017.

_____. **As dores do mundo**. São Paulo: Edipro, 2014.

_____. **A vontade de amar**. São Paulo: Ediouro, 1965.

_____. **O mundo como vontade e representação, 1ª Tomo**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. 1ªed. Brasília, 2015. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 3. nov. 2019.

Beatriz Calado Bortoletto

<http://lattes.cnpq.br/9977134226926762>